

## Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho: vozes da crítica brasileira de autoria feminina

Gilda de Mello e Souza y Nelly Novaes Coelho: voces de las críticas brasileñas de autoría femenina

Ana Carolina Machado Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### RESUMO

Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho foram duas importantes professoras, intelectuais e ensaístas brasileiras. Gilda possui notável produção acerca da arte, da moda e da literatura brasileira. Nelly Novaes Coelho se dedicou inteiramente à literatura infantojuvenil e à literatura brasileira de autoria feminina. No campo da crítica, essas escritoras produziram importantes estudos sobre diversos autores e, em comum, sobre Clarice Lispector. Este artigo traça um panorama sobre a vida e a produção acadêmica de Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho e destaca as semelhanças no olhar crítico quando ambas as autoras analisaram a escrita moderna e única de Clarice Lispector.

### PALAVRAS-CHAVE

Crítica. Literatura de autoria feminina. Crítica de autoria feminina. Crítica brasileira.

#### Ana Carolina Machado Ferreira

Mestra em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Licenciada em Letras Português/Literaturas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9761-9704> | [machadoanacarolina@rocketmail.com](mailto:machadoanacarolina@rocketmail.com)

Recebido em:  
15/07/2022

Aceito em:  
28/07/2023

NOVEMBRO/ 2023  
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)  
ISSN 0103-6858  
P. 44-55

### RESUMEN

Gilda de Mello e Souza y Nelly Novaes Coelho fueron dos importantes maestras, intelectuales y ensayistas brasileñas. Gilda tiene em notable producción sobre arte, moda y literatura brasileña. Nelly Novaes Coelho se ferec por entero a la literatura infantil fere literatura brasileña de mujeres. Em el campo de la crítica, estos escritores produjeron importantes ferece sobre ferec autores y, em común, sobre Clarice Lispector. Este artículo ferece em panorama de la vida y producción académica de Gilda de Mello e Souza y Nelly Novaes Coelho y destaca las similitudes em el ojo crítico cuando ambas autoras analizaron la escritura moderna y única de Clarice Lispector.

### PALABRAS CLAVE:

Crítica. Literatura de autoría femenina. Crítica de autoría femenina. Crítica brasileña.

## 1. Introdução

Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho foram importantes professoras, críticas e pesquisadoras do meio acadêmico brasileiro. Gilda foi professora titular do departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo - USP; e Nelly foi professora de Teoria Literária da mesma instituição. Mesmo com formações distintas, essas teóricas produziram estudos e ensaios críticos essenciais para o acervo da produção acadêmica no Brasil.

Enquanto Mello e Souza tinha um grande apreço pela arte e pela abordagem crítica visual das obras, Coelho adentrava no âmbito literário com textos sobre diferentes autores e, principalmente, acerca de autoras esquecidas pelo cânone literário. Tais linhas divergentes de análises críticas serão objeto de comparação por meio de dois ensaios que focam em uma autora em comum - Clarice Lispector. Mello e Souza escreve sobre a autora em 1963, com o ensaio “O vertiginoso relance”; e Coelho escreve em 1993, com o texto “A escrita existencialista de Clarice Lispector”.

Este trabalho, então, terá como objetivo analisar e comparar os textos críticos dessas ensaístas e encontrar pontos divergentes e em comum sobre a prosa de Clarice Lispector. Além disso, a primeira seção traz um enfoque da trajetória acadêmica dessas autoras, pois é imprescindível entender como tais trajetórias foram importantes para as influências e escolhas teóricas utilizadas nos trabalhos críticos aqui analisados.

## 2. Os traços pioneiros nas trajetórias acadêmicas de Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho

Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes de Coelho foram duas grandes figuras importantes para o cenário da crítica de autoria feminina no Brasil. Embora a produção ensaística dessas autoras tenha uma certa discrepância em relação à época - Mello e Souza concentra suas publicações em meados das décadas de 1940 a 1970, enquanto Coelho publica nas décadas de 1970 a 1990 - tal diferença não impede a constatação de semelhanças tanto na trajetória acadêmica quanto nos métodos críticos adotados por essas ensaístas.

A carreira acadêmica de Gilda de Mello e Souza foi marcada por traços pioneiros: uma das primeiras mulheres brasileiras a ingressar na faculdade, além de ser estudante das primeiras turmas do curso de Filosofia da Universidade de São Paulo - USP. Nessa época, de 1937 a 1940, Mello e Souza foi aluna de três importantes pensadores franceses - Jean Maugüé, Claude Lévi-Strauss e Roger Bastide - que foram essenciais para a sua formação, já que esses professores se interessavam pelos problemas da arte, uma área de estudo que Mello e Souza começava a pesquisar. Esse interesse é relatado no ensaio “A Estética Rica e a Estética Pobre dos Professores Franceses”, presente em seu livro *Exercícios de Leitura*, publicado em 1980.

Sobre esses professores, Mello e Souza expõe o olhar e o interesse de cada um pelas mais diversas áreas da arte e distingue, com base nos seus tempos de estudo com esses mestres, o perfil de pesquisa desses pensadores. Sobre Jean Maugüé e Claude Lévi-Strauss, a autora propõe uma aproximação:

Ambos refletem uma posição estética da representatividade, extremamente racio-

nal, europeia - diria mesmo, de uma espécie de Classicismo - nostálgica dos momentos em que a arte traduziu uma relação harmoniosa do homem com a natureza, em que o trabalho humano se inscrevia sem sofrimento na paisagem (SOUZA, 1980, p. 18).

Enquanto sobre Roger Bastide, que foi o orientador de sua tese de doutorado, Gilda de Mello e Souza expõe que o professor se interessava pelo “fenômeno estético do cotidiano, dos fatos insignificantes e sem foros de grandeza, que compõem, no entanto, o tecido de nossa vida” (SOUZA, 1980, p. 34). Dessa forma, desde o título do ensaio, Mello e Souza diferencia a “Estética Rica” como o apreço pela arte mais tradicional, representada por Jean Maugüé e Claude Lévi-Strauss, e a “Estética Pobre” como a escolha pela arte mais cotidiana e mais próxima das manifestações estéticas de vanguarda, representada por Roger Bastide. Acerca dessa distinção, Mari- lena Chauí argumenta:

A ‘estética rica’ dos professores franceses refere-se ao gosto classicista de Jean Maugüé e Claude Lévi-Strauss, à concepção centrada em momentos da história da arte, pressupondo uma hierarquia das artes e o ideal absoluto da beleza. [...] Em contrapartida, a ‘estética pobre’ de Bastide gira ‘em torno de um outro conceito de arte’. Já é sintomático, escreve Dona Gilda, que entre as manifestações estéticas do século XVII prefira o Barroco, movimento que, ‘aos olhos tranquilos dos franceses, pode surgir como uma exceção, um cataclismo irracional. E é também sintomático que, ao Barroco da metrópole, prefira o da colônia, “quando o meio pobre e a mes- tiçagem dos artistas lhe imprimem tantas deformações’ (CHAUÍ, 2007, p. 26-27).

Com base também nessa distinção, Gilda de Mello e Souza escolhe o seu perfil de pesquisa: torna-se discípula de Roger Bastide e opta pela “Es- tética Pobre” do seu orientador. Assim, escreve sua tese de doutorado sobre um tema menosprezado pela academia na época - a moda. A tese *A moda no século XIX*, apresentada no ano de 1950, tinha uma análise sobretudo sociológica acerca das vestimentas femininas e masculinas. Por meio desse estudo, Gilda de Mello e Souza enfatizava as gritantes diferenças entre os gêneros e, utilizando a moda como objeto e símbolo, discutiu também as diferenças entre as classes sociais. Como suporte teórico, citou também a pintura, a arquitetura e a literatura em sua argumentação. Na época, ou seja, na década de 1950, a tese obteve pouca receptividade, motivada pelo estereótipo que define a moda como algo fútil e “de mulher”. Mais tarde, no entanto, o trabalho obteve o alcance merecido, como cita Heloisa Pontes:

Publicada em 1952, na Revista do Museu Paulista, a tese teve de esperar mais de trinta anos para vir a público sob a forma de livro e para ganhar o reconhecimento intelectual devido. Em parte, como resultado da ampliação de temas e objetos considerados ‘legítimos’ no campo das ciências humanas, promovida pela antropologia, pela sociologia da cultura e pela história das mentalidades. E também pela constituição de um novo público de leitores interessados na moda como assunto profissional ou objeto de estudos acadêmicos (PONTES, 2009, p. 302).

Somente em 1987 a tese foi publicada como livro pela editora Companhia das Letras e sob um novo título - *O Espírito das Roupas: a Moda no século dezenove*. Assim, Gilda de Mello e Souza também foi pioneira ao destacar a moda como argumento sociológico, pois a academia só mostrou

interesse pelo assunto quando Roland Barthes publicou *O Sistema da Moda*, em 1976. Dessa forma, mais uma vez, a autora trouxe ao meio acadêmico originalidade e pioneirismo.

Após o tempo em que foi discípula e assistente de Roger Bastide, Gilda de Mello e Souza recebe o convite para ser professora de Estética no Departamento de Filosofia da USP. Importante ressaltar que, antes desse convite, a autora também participou da fundação da revista *Clima*, em 1941, com colegas intelectuais da faculdade, como Decio de Almeida Prado, Ruy Coelho, Paulo Emílio Salles Gomes, Antonio Candido - que viria a ser seu marido - entre outros. Nessa revista, publicou artigos e contos.

Em 1954, Gilda de Mello e Souza aceita o convite e se torna professora de Estética. Mais um marco pioneiro, pois ela também funda a cadeira dessa disciplina. Nesse período, o departamento de Filosofia enfrentou graves crises, como a perseguição pela ditadura em 1964, e também no início de 1969, com a promulgação do Ato Institucional nº 5. Foi nesse ano, também, que Mello e Souza aceitou o cargo de chefia e permaneceu nele até 1972. Sobre essa época, Marilena Chauí relata:

Enfrentou o representante acadêmico dos militares, o reitor Miguel Reale, que se dizia obrigado a colocar um interventor no Departamento de Filosofia porque não possuíamos número suficiente de professores titulados exigidos pela lei. Dona Gilda conseguiu que, no correr de um ano e meio, fossem defendidos quatro mestrados, um doutorado e uma livre-docência, garantindo a autonomia do departamento. [...] Foi assim que, uma das primeiras mulheres a lecionar e doutorar-se na USP e a ocupar um cargo de direção universitária, a professora de estética, disciplina sempre menosprezada pelas direções do departamento (“fímulas, plumas e lanzejoulas”, diziam alguns tolos), assegurou a existência e a continuidade do Departamento de Filosofia (CHAUÍ, 2007, p. 34).

Foi também nesse período conturbado que Gilda de Mello e Souza fundou a *Discurso* - revista científica de alta categoria. Dessa maneira, com todas essas atitudes, é perceptível como a autora lutou, mesmo que discretamente, para a continuidade da pesquisa acadêmica no Brasil. Essa discrição é uma característica da professora não apenas no âmbito profissional, como também nos seus escritos e estudos acadêmicos. Durante uma entrevista sobre o filme *Conversation piece*, de Luchino Visconti, Gilda de Mello e Souza mostra o seu pensamento apolítico e ressalta a sua visão como crítica: “Toda visão que nós temos de uma obra de arte é uma visão muito deformada pelo olhar do observador. Eu acho que a minha visão é muito deformada pela minha personalidade e pela minha personalidade apolítica, em muitos casos” (PONTES, 2009, p. 298).

Quanto à sua produção intelectual, em 1979, Gilda de Mello e Souza publica *O tupi e o alaúde*, livro que reúne uma análise da prosa de Mário de Andrade - escritor que, além de ser primo-irmão do pai da autora, foi seu mentor de escrita e orientador de leituras. Em 1980, é publicado *Exercícios de Leitura*, livro que reúne alguns de seus ensaios. E, em 2005, é publicado seu último livro, *A Ideia e o Figurado*, que reúne artigos, prefácios e outros textos da autora.

Neste trabalho, optamos pelo foco em um ensaio que está presente em *Exercícios de Leitura*. Nele, Gilda de Mello e Souza analisa uma das pri-

meiras obras da escritora Clarice Lispector e, por meio desse texto, iremos identificar e analisar o método crítico da autora - um método que prioriza o aspecto visual. Ademais, Gilda de Mello e Souza foi uma das primeiras ensaístas a analisar uma obra de Clarice Lispector - mesmo não demonstrando abertamente uma posição feminista e de defesa da escrita de autoria feminina na Literatura Brasileira.

Nelly Novaes Coelho desde muito jovem se interessou pela arte e pela literatura. Sobrinha da pianista Guiomar Novaes, foi incentivada a estudar piano e obteve por mérito uma bolsa de estudos para estudar na Itália, em 1942. No entanto, com o avanço da Segunda Guerra Mundial, não conseguiu iniciar os estudos.

Dessa consequência veio o apreço e a inclinação para a Literatura. Leitora voraz e apaixonada por essa área, resolve ingressar no curso de Letras da Universidade de São Paulo em 1955. Na mesma universidade, cursou o doutorado entre os anos de 1964 e 1967 com uma bolsa concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian. Nesse período, realizou extensa pesquisa em Portugal e que resultou na escrita da sua tese sobre Aquilino Ribeiro - *Jardim das Tormentas: Gênese da ficção de Aquilino Ribeiro* -, publicada como livro em 1973 pela Editora Quíron.

De volta ao Brasil, inicia sua trajetória na produção acadêmica com diversos estudos, atividades de pesquisa, crítica e ensino de Literatura. Em 1961, assume a cadeira de Teoria Literária da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Marília, em São Paulo, e permanece até 1972. Fora do meio acadêmico, Nelly Novaes Coelho atuava constantemente com a orientação de professores para o ensino de Literatura no âmbito escolar. Essa atuação resultou em um dos seus grandes campos de interesse e que, naquele momento, era um campo renegado pela academia - a Literatura Infantil. A partir dos anos 80, Nelly Novaes Coelho inicia sua produção acadêmica acerca dessa área que, em sua defesa, tinha similaridades com a Literatura voltada aos adultos: “[...] em essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança” (COELHO, 2000, p. 29). Assim, a atuação da professora foi essencial para a fundação da área de Literatura Infantil e Juvenil na USP.

Outro campo de interesse pesquisado pela professora e que nos interessa na análise deste trabalho é a Literatura de autoria feminina. Nelly Novaes Coelho percebeu o escasso registro que havia sobre as obras escritas por mulheres na Literatura Brasileira e começou um trabalho de mapeamento dessas autoras e de suas obras. Tal mapeamento resultou em uma extensa pesquisa sobre 1400 escritoras brasileiras e que foi publicada na forma de dois dicionários importantes para o acervo da crítica brasileira: o primeiro deles, *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*, de 1993; e o *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*, publicado em 2002 e 2011. Sobre esse último, Heloísa Buarque de Hollanda o entende como um dos principais dicionários que resgata “a relação das mulheres poetas, ficcionistas e autoras do teatro, do século XIX até a atualidade” (HOLLANDA, 1993, p. 15). Além disso, Nelly Novaes Coelho e outras pesquisadoras, ao estudar essas autoras, não atendem apenas ao critério de discutir e resgatar esses apagamentos, mas também contribuem para uma mudança significativa no

cânone literário brasileiro. Como argumenta Heloísa Buarque de Hollanda:

Um aspecto que merece atenção neste impulso feminino recorrente de organização do trabalho e da prática das mulheres é, sem dúvida, a reivindicação, para si, do ‘direito de classificar’, ou seja, de intervir na própria lógica estrutural da constituição do cânone literário, cujos critérios de exclusão e inclusão, de valor e legitimidade, são dados tidos como ‘naturais’ e determinados por uma tradição histórica milenar e inquestionável (HOLLANDA, 1993, p.15).

O olhar para essas duas áreas da Literatura foi importante para os próximos passos na trajetória acadêmica de Nelly Novaes Coelho. A partir dos anos 60, a professora começa a contribuir com ensaios e críticas para periódicos brasileiros e portugueses. De 1961 a 1971, publica artigos e ensaios no Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo*. Com essa contribuição, tornou-se uma das principais vozes na crítica feminina da época. Sobre seus trabalhos como crítica, um âmbito cada vez mais discutido no meio acadêmico, Nelly Novaes Coelho ressalta o grau de dificuldade para atuar com essa produção:

Começemos por dizer que, no âmbito geral da Literatura, um dos problemas mais difíceis de resolver é o da crítica. Difícil porque o ato crítico é, por natureza, ato de cúpula: é o último a surgir no processo de criação, produção e desenvolvimento de qualquer literatura. Último por que, sendo a crítica uma reflexão síntese do fenômeno literário, uma espécie de ‘iluminação’ do que nele é valor ou desvalor (como criação literária ou em relação ao objetivo visado), ela necessariamente precisa partir de conhecimentos *a priori* que a orientem na análise, interpretação e conclusão (ou julgamento) (COELHO, 2000, p. 145).

Como ensaísta, Nelly Novaes Coelho ganhou diversos prêmios, como o Prêmio Jabuti na categoria Ensaio, em 1974; e o Prêmio Especial da Crítica - 30 anos de crítica literária, pelo Instituto Internacional Ibero-Americano/USA, em 1988. Quanto à metodologia utilizada, a autora opta por um olhar histórico, analisando as nuances e influências teóricas que os autores inserem em suas obras. Iremos notar essa análise crítica com o ensaio sobre a escrita de Clarice Lispector, publicado no dicionário *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*. Assim como Gilda de Mello e Souza, Nelly Novaes Coelho opta por analisar um dos primeiros romances publicados da escritora modernista.

Dessa forma, por meio de uma visita às trajetórias acadêmicas dessas ensaístas, podemos notar semelhanças quanto ao pioneirismo e, ao mesmo tempo, certo estigma por pesquisarem áreas menosprezadas pela academia na época – Gilda de Mello e Souza, ao estudar a moda; e Nelly Novaes Coelho, ao estudar a Literatura Infantil. Do mesmo modo, é perceptível também certas distâncias no método crítico dessas autoras e na percepção sobre a escrita de autoria feminina. Na próxima seção, ao analisarmos a visão dessas críticas sobre uma mesma autora, ou seja, Clarice Lispector, as similaridades e diferenças sobre a análise dos textos-objetos irão servir como pontos importantes de discussão para entender o trabalho crítico dessas ilustres pesquisadoras.

## 3. Clarice Lispector pelo olhar da crítica feminina de Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho

Em “O vertiginoso relance”, ensaio publicado no livro *Exercícios de leitura*, Gilda de Mello e Souza analisa o segundo romance publicado da escritora Clarice Lispector: *A maçã no escuro*. Inicia o texto apresentando uma noção de “miopia” - caracterizada pelos assuntos abordados na prosa de autoria feminina, que priorizam o olhar sobre fatos concretos e cotidianos, relacionados, muitas vezes, ao lar e ao universo feminino. Essa “miopia”, então, é o reflexo do não poder olhar para o lado externo ou para o que está além da paisagem já conhecida e vivenciada pelas mulheres:

E como não lhe permitem a paisagem que se desdobra para lá da janela aberta, a mulher procura sentido no espaço confinado em que a vida se encerra: o quarto com os objetos, o jardim com as flores, o passeio curto que se dá até o rio ou a cerca. A visão que constrói é por isso uma visão de míope [...] (SOUZA, 1980, p. 97).

A partir desse conceito, Gilda de Mello e Souza propõe que Clarice usufrui dessa “miopia” no romance analisado, mas de modo peculiar. A “miopia” de Clarice está no apreço em detalhar os momentos fugazes, espontâneos do cotidiano e, sobretudo, a intensidade das emoções que circundam tais momentos. O tempo da prosa clariceana não segue uma sequência com passado, presente e futuro - é um tempo fracionado, que prioriza o sentir dos personagens e a soma dos instantes. Para a ensaísta, no entanto, essa fixação temporal apresenta um lado negativo para a forma do romance - o uso exacerbado de locuções e advérbios temporais que, para Mello e Souza, enfeiam o texto e tornam a leitura cansativa:

Para ela o fluxo temporal é apenas essa soma de instantes, e a preocupação em fixar o ‘urgente instante de agora’, traduz-se no próprio estilo, na constância com que o termo ‘instante’ volta de maneira obsessiva à sua pena e, sobretudo, com que se serve, exaustivamente, de todos os advérbios e locuções temporais que, não raro, enfeiam pela repetição contínua a sua bela prosa [...] (SOUZA, 1980, p. 98).

Ademais, Gilda de Mello e Souza expõe que a prosa de Lispector narra o inenarrável: são momentos que, no dia a dia, são deixados de lado, passam despercebidos pelos sujeitos e que assumem certa importância quando causam uma revelação, algo de profundo ou significativo. Além dessa característica, o texto clariceano possui outro paradoxo: como fixar o instante sem fazer com que ele perca sua essência? De acordo com Gilda de Mello e Souza, Clarice Lispector consegue essa difícil tarefa ao incluir novas metáforas, encadear o texto com novos exemplos, e o resultado é um romance que tenta capturar esses instantes por meio de jogos entre forma e conteúdo, antíteses e combinações:

Decifrado assim no nível subterrâneo da palavra, dos cacoetes verbais, das imagens, *A maçã no escuro* revela uma tensão dilacerada entre uma aspiração (apreender o instante) e a impossibilidade de realizá-la (o instante é inacessível); revela a oscilação constante entre a tentativa e a renúncia. E creio que é o desespero ante a difícil tarefa que se propôs realizar, e cuja dificuldade a romancista proclama com certo orgulho - pois ‘na impossibilidade estava a dura garra da beleza’ - que a leva

a perseguir uma realidade que lhe escapa entre os dedos [...] A cada obstáculo opõe um novo exemplo, uma nova metáfora, uma diversa astúcia verbal, dissimulando em cada canto de sua prosa uma armadilha, onde essa caçadora de colibris tenta aprisionar o que há de mais arisco e impreciso (SOUZA, 1980, p. 101).

Ainda sobre esse olhar para o inenarrável, tal característica é mais evidente quanto à preferência de Clarice Lispector ao descrever pessoas e situações. Enquanto outros autores descrevem a fisionomia de um personagem por meio dos traços físicos, como a cor dos olhos ou dos cabelos, Lispector prefere adjetivos como olhos “positivos”, “afritos”. Para Gilda de Mello e Souza, esse estilo de descrição é mais um jogo da autora para apreender o que não é dito e o que é fugidio. Isso também se estende à descrição de paisagens ou de ambientes externos, quando Clarice Lispector prefere olhar para a escuridão, para as sombras, falar sobre a falta de cheiro ou ainda sobre a falta de cor ou sabor. Ao adentrar na esfera dos sentimentos, prefere descrever o início das emoções a focar numa gradação sentimental. É o que acontece, por exemplo, quando no romance a personagem Ermelinda descobre que está apaixonada - ocorre em uma cena comum, tomada por expectativas e, para muitos, supérflua - ao descaroçar um milho.

Pois é nesse amor que ainda não existe, que apenas acaba de se revelar, e se oferece à personagem como uma presença, mas ainda não como um contato ou uma participação de dois seres; que por enquanto é apenas uma promessa de amor - é nele que a romancista situa o momento da plenitude. Para ela o que importa é, na verdade, o ritual da espera, a laboriosa preparação para o ‘instante em que uma mulher vai ser de um homem’, o universo mágico que a expectativa cria (SOUZA, 1980, p. 104).

Gilda de Mello e Souza prossegue com o ensaio apresentando um breve resumo sobre o romance. Assinala que o enredo é simples, mas que elenca acontecimentos essenciais para refletir sobre situações maiores, como o crime que Martim comete no início da narrativa. Tal crime aponta para a noção de liberdade e para o início de uma nova vida - é o grande divisor de águas na trajetória do personagem, pois é por meio dele que Martim rompe com interditos - comete um assassinato - e, ao mesmo tempo, constrói uma nova possibilidade de vida. Desse modo, o crime é um paradoxo, pois liberta o personagem e, por fim, aprisiona-o. Esse teor paradoxal, então, acompanha o personagem em vários momentos - principalmente quando, ao buscar sua liberdade, o protagonista procura por novas sujeições. Isso acontece na parte em que Martim decide trabalhar e se esconder na casa de Ermelinda. São esses aspectos que, para Gilda de Mello e Souza, constroem a figura do herói clariciano.

Recapitulando, pode-se dizer, portanto, que é a partir do crime que Martim nasce, passando a existir em estado de inocência, livre de toda e qualquer sujeição. E com efeito, presenciamos o nascimento do herói. [...] No entanto, aqui como nos outros livros da escritora, a ânsia de preservar a liberdade a qualquer preço, de evitar toda e qualquer sujeição, leva o homem, inevitavelmente, à procura de novas sujeições (SOUZA, 1980, p. 109).

Gilda de Mello e Souza termina o ensaio com, talvez, a sua ponderação

mais negativa sobre o romance de Clarice Lispector. Elucida que a obra alterna entre trechos intensos e trechos com um viés mais discursivo, o que torna o texto cansativo. Além disso, a ensaísta retoma a noção de “miopia” que apresentou nos primeiros parágrafos do ensaio. No entanto, dessa vez, relaciona a “miopia” de Clarice Lispector com o ato de priorizar os momentos fugidios, fragmentários, e se esquecer de olhar o conjunto da narrativa. Desse modo, é como se a escritora, “filósofa do instante” - como a própria Gilda de Mello e Souza a nomeia - focasse nos lampejos, nos detalhes, e deixasse, como último plano, o coletivo do romance, o texto como um todo.

O livro, como a percepção de Clarice Lispector, vale, portanto, pelos momentos excepcionais, pecando pela organização dos mesmos dentro da estrutura novelística. A acuidade que a leva a penetrar tão fundo no coração das coisas é que talvez lhe dificulte a apreensão do conjunto. Pois na sua visão míope, enxerga com nitidez admirável as formas junto aos olhos - mas, erguendo a vista, vê os planos afastados se confundirem, e não distingue mais o horizonte (SOUZA, 1980, p. 112).

Portanto, notamos nesse ensaio o apelo pela análise da forma e do conteúdo que é tão característico da escrita crítica de Gilda de Mello e Souza. Ao notar o uso exacerbado de determinadas palavras, os traços discursivos do texto e o jogo de antíteses, Mello e Souza nos expõe o seu olhar sobre a forma presente na prosa clariciana. E, ao colocar em destaque o apreço da autora em prender os instantes, sua “miopia” relacionada ao cotidiano e ao profundo, os paradoxos e as metáforas, a ensaísta evidencia o conteúdo fragmentário e, ao mesmo tempo, intenso do romance. Assim, o ensaio comprova os aspectos da sua formação acadêmica e do seu posicionamento como crítica, principalmente o interesse pela arte e pelo visual.

Nelly Novaes Coelho analisa a prosa de Clarice Lispector no ensaio “A escritura existencialista de Clarice Lispector”, presente no livro *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*, de 1993. Nesse texto, Coelho faz um estudo comparativo acerca da prosa clariciana e utiliza o primeiro romance publicado da autora - *Perto do coração selvagem* - como objeto de análise.

Primeiramente, Nelly Novaes Coelho destaca a influência do existencialismo na escrita de Clarice Lispector. Segundo a ensaísta, Lispector, desde os tempos em que estudava Direito, já usufruía da visão dessa corrente teórica que lida com as questões do eu com o mundo. Isso se torna mais evidente com a epígrafe do seu primeiro romance, que cita James Joyce, um dos principais autores da Literatura e que inclui o teor existencialista em suas obras.

A epígrafe de abertura em seu romance de estreia já aponta para essa intencionalidade maior: ‘Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida’ (James Joyce). Esse mergulho nas profundezas do ser (que Joyce tenta, a partir de *Retrato do artista quando jovem*, 1916) foi a grande fascinação da escritura clariciana, toda ela desenovelando-se ou perdendo-se nos labirintos de uma obsessiva tentativa de ultrapassar a evidência concreta da realidade imediata dos seres, coisas e relações para atingir-lhes o âmago onde se ocultaria a verdade última de cada um e de todos, ou o segredo da vida em si mesma (COELHO, 1993, p. 174).

Assim, Nelly Novaes Coelho analisa um ponto que também foi abordado por Gilda de Mello e Souza: o indizível, o inenarrável presente na obra

clariceana. Segundo Nelly Novaes Coelho, os personagens da ficção de Clarice Lispector, principalmente as mulheres, passam grandes trechos dos romances tentando captar momentos fragmentários e que a linguagem, por ter uma certa limitação, muitas vezes, não consegue demonstrá-los. Como exemplo dessa impossibilidade, a ensaísta aponta a personagem Joana de *Perto do coração selvagem*: “[...] a jovem Joana - a primeira de uma galeria de personagens femininas presas da inquietude existencial que as leva a lutar obsessivamente com o possível/impossível poder da palavra para expressar o indizível [...]” (COELHO, 1993, p. 174).

Ainda sobre esse tópico, Nelly Novaes Coelho argumenta que tal limitação da linguagem é uma característica da modernidade: a comunicação e a escrita começam a apresentar o seu caráter limitador. Desse modo, os escritores dessa geração tentavam captar os pensamentos, as emoções e as dúvidas por meio de imagens e outros recursos textuais. No entanto, o impasse entre o sentir, o pensar e o dizer na escrita continuava presente. Assim, os textos de Clarice Lispector são permeados por esse paradoxo que é um dos grandes responsáveis pela sua criação poética.

A seguir, Nelly Novaes Coelho faz uma breve descrição sobre o contexto histórico da época em que o romance de Clarice Lispector foi publicado: “[...] o aparecimento desse romance coincide com um momento crucial no mundo: a Segunda Guerra Mundial estava no auge; a França caíra em poder dos alemães e as inquietudes do existencialismo e do marxismo se expandiam em contradições” (COELHO, 1993, p. 178). Também faz um breve contexto do cenário literário da época: “[...] na área da Literatura estavam em voga: o romance regionalista (Jorge Amado, Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos...) e o romance urbano-intimista (Érico Veríssimo, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso, Dinah Silveira de Queiroz)” (COELHO, 1993, p.18). E, por fim, destaca como foi a recepção da crítica sobre esse primeiro livro clariceana - Sérgio Milliet e Antonio Candido foram os primeiros críticos que escreveram sobre a obra. A crítica obteve um olhar com êxito para aquela jovem estreada de “nome estranho”. Dessa forma, tais descrições, que fogem do caráter meramente analítico sobre o texto, fazem parte da característica crítica de Nelly Novaes Coelho, pois, em seus ensaios, inclui o olhar histórico e teórico para aprofundar suas análises e comparações.

A parte final do ensaio é dedicada a uma análise comparativa – Nelly Novaes Coelho compara o livro de Clarice Lispector com a obra *Náusea*, de Jean-Paul Sartre. Ambos os textos têm certas semelhanças, principalmente quanto ao teor existencialista. No entanto, Nelly Novaes Coelho defende que o romance de Clarice Lispector é um romance “anti-náusea”. Isso se deve às diferenças entre as obras. Um dos pontos de divergência é que, enquanto no romance de Sartre o protagonista busca o sentido real da vida por meio da escrita; no romance de Lispector, a protagonista busca esse real por meio da fala. Segundo Nelly Novaes Coelho, essa diferença entre escrita e fala é uma característica da natureza e da criação da personagem, pois é uma mulher brasileira:

Joana - personagem com grande potencialidade de paixão, mas bloqueada pelo meio - é uma jovem comum, educada tradicionalmente para o lar e formada pela vivência brasileira, cujo nível cultural está, como sabemos, muito mais próximo da vida instintiva, sensorial e emotiva (que se expressa pela fala, pela oralidade) do

que da consciência crítica exigida pela expressão escrita. Portanto, a atividade instintiva de Joana é a de querer viver de acordo com sua própria verdade, procurando contar ou falar de suas reações para partilhá-las com o Outro. Basta esse pormenor aparentemente desimportante (mas no fundo importantíssimo) para mostrar a brasilidade autêntica da escritura clariciana, muito embora seu ponto de partida tenha sido um problema ético-existencial-metafísico de origem europeia (COELHO, 1993, p. 184).

Portanto, neste ensaio, Nelly Novaes Coelho expõe a ficção de Clarice Lispector como influenciada diretamente por uma linha teórica - o existencialismo - e também pelo contexto histórico e geográfico que a autora vivenciava naquela época. Tais tópicos de análise condizem com a característica crítica da pesquisadora que, desde sua formação, empregou tais atributos comparativos em outros textos e estudos.

## 4. Considerações finais

É nítido o quanto a crítica de autoria feminina é importante para novas abordagens e diálogos na Literatura Brasileira. Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho - cada uma com suas peculiaridades e diferenças de época - foram vozes essenciais para o acervo crítico e teórico desse âmbito.

Tal importância se torna mais evidente quando compreendemos as minúcias do trabalho analítico de ambas as autoras sobre uma escritora em comum - Clarice Lispector. Gilda de Mello e Souza, com seu olhar para o visual, para a relação entre forma e conteúdo; e Nelly Novaes Coelho, com sua visão influenciada por correntes teóricas e pelo contexto histórico da época.

Diferentes linhas teóricas, mas que chegaram a conclusões parecidas - Clarice Lispector tentou captar, por meio dos seus romances, o inenarrável, os momentos e situações banais que faziam o sujeito olhar para o seu interior, a fim de refletir sobre o que realmente deveria estar em voga - o real sentido da vida. Poucos escritores conseguiram, com tão inegável maestria, captar essa essência na escrita. Não é à toa que Clarice Lispector figura como uma das nossas maiores escritoras modernistas e está, com todo o direito, presente no cânone da Literatura Brasileira.

Por fim, ler mulheres escrevendo sobre o trabalho de uma mulher é algo extremamente significativo para a produção acadêmica. Por tempos, tivemos que presenciar, majoritariamente, homens escrevendo sobre a Literatura de autoria feminina. E, com o empenho e a dedicação de teóricas como Gilda de Mello e Souza e Nelly Novaes Coelho, essa realidade começou a mudar. Como disse Lygia Fagundes Telles, em *A Disciplina do amor*, publicado em 1980: “Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o que somos.”

## Referências

CHAUÍ, Marilena. “A dignidade do feminino”. In: MICELI, Sérgio; MATTOS, Franklin de (Org.). **Gilda, a paixão pela forma**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

\_\_\_\_\_. A escritura existencialista de Clarice Lispector. *In: A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O que querem os dicionários?. *In: Ensaios Brasileiras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PONTES, Heloísa. Gilda de Mello e Souza: entre a arte e a ciência. *In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, Gilda de Mello e. A Estética Rica e a Estética Pobre dos Professores Franceses. *In: Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

\_\_\_\_\_. O vertiginoso relance. *In: Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.